

Em busca das pistas sobre a historiografia da cultura lúdica das crianças negras em Santa Catarina

Jailson Lucio de Maria¹
Maurício Roberto da Silva²

Resumo Abstract

O presente texto é fruto de uma investigação de caráter bibliográfico, cujo objetivo central foi investigar e reunir possíveis registros e bibliografias acerca da história da cultura lúdica das crianças negras em Santa Catarina com o lócus centrado na cidade de Florianópolis. Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória, com o objetivo secundário de levantar as pistas sobre as brincadeiras, jogos e brinquedos dessas crianças, com vistas a contribuir para com as políticas públicas, práticas sociais, enfim, para

The present text is fruit of an inquiry of bibliographical character, whose central objective was to investigate and to congregate possible registers and bibliographies concerning the history of the playful culture of the black children in Santa Catarina with lócus centered in the city of Florianópolis. It is treated, therefore, of one it searches exploratória, with the secondary objective of raising the tracks on the tricks, games and toys of these children, with sights to contribute it stops with the public politics, practical

com a bibliografia existente sobre infância empobrecida. O texto aborda um pouco sobre a história da cultura lúdica das crianças negras, a saber: jogos, brincadeiras e brinquedos. Os resultados e conclusões, apontam que a condição de classe e raça dessas crianças às restringiu de expressar-se livremente através de seus jogos e brincadeiras. Outra conclusa, diz respeito a necessidade de se investigar, de maneira mais amíúde, às fontes históricas, visando captar nos documentos elementos que extrapolem a pesquisa exploratória.

Palavras-chave: infância, cultura lúdica, raça/etnia, classe social.

social, at last, it stops with the existing bibliography on empobrecida infancy. The text approaches a little on the history of the playful culture of the black children, to know: games, tricks and toys. The results and conclusions, they point that the condition of classroom and race of these children ace restricted to freely express through its games and tricks. Another concluded one, it says respect the necessity of if investigating, in way more amíúde, ace historical sources, aiming at to catch in documents elements that surpass the exploratória research.

Keywords: infancy, playful culture, race/etnia, social classroom.

Introdução: reflexões teórico metodológicas sobre o problema de investigação

É quase impossível propor um trabalho de pesquisa ligado a cultura negra, sem contestar e discutir, sob várias óticas, os pilares em que essa (des) valorizada cultura foi construída, sobretudo, se admitirmos que estudar crianças negras, implica em estudar a história da pobreza destas e suas famílias, isto é, uma história pautada na relação imbricada entre classe e raça. Nesse sentido, torna-se imprescindível atrelar as discussões de raça, aos conceitos de classe, considerando que uma foi, e ain-

da é, com relação ao negro, determinante da outra. Nascimento (2004, pg 10), falando sobre a opressão do capitalismo vigente e o neoliberalismo que à tempos predomina, destaca: ...além de aumentar o número de desempregados, aumentam o número de sub-empregos, de analfabetos, mortalidade infantil, violência, tráfico de drogas, desnutrição e outras mazelas... Todo esse processo destrutivo do capital atinge toda classe empobrecida, em especial mulheres e homens negros.

A depreciação, isto é a opressão da figura do homem, da mulher e, conseqüentemente, das crianças negras, começa pelos próprios livros utilizados nas escolas. Soa-

res (1988, pg. 21), observa que “os personagens negros dificilmente são encontrados nos livros didáticos. Quando encontrados, fluem de forma depreciativa e raramente tem nomes, sendo tratados de “o negro” ou “a negra”. A mulher negra adulta aparece sempre como doméstica, e com os mesmos traços em vários livros. Ela nunca aparece com família estruturada”. Para Munanga (2000, pg. 23) “alguns livros didáticos falam do papel do negro no Brasil como escravo, mas não mostram sua participação concreta na sociedade brasileira, seu espaço na economia. O negro não trabalhou só nas plantações. Trabalhou nas artes, na mineração, aliás, foram os negros que ensinaram aos portugueses as técnicas de mineração. Essas coisas não são ditas, e o silêncio também é uma forma de racismo”. Como exemplo dessa desinformação, Souza (1997, pg. 74), nos aponta que, “nos currículos escolares esconde-se que o Egito era uma civilização negra; que os negros quando foram trazidos a força para as Américas, tinham conhecimentos que os europeus não dominavam, saberes que a Europa desconhecia”. Toda essa sabedoria perdurou por muito tempo, sendo oprimida por uns e exaltada por outros (muitos na clandestinidade), mas hoje, apresenta-se englobada a novos saberes e culturas, pelas mais variadas regiões do mundo.

Procurei nessa pesquisa evidenciar um tema em especial, voltado a minha área de atuação: as crianças negras, especificando, “a cultura lúdica das crianças negras”. Onde ela se encaixa nesse período histórico, que se inicia na África, chegando até os dias de hoje no Brasil, e o que o “brincar”, e a “ludicidade” dessas crianças, influenciaram e ainda influenciam em sua formação individual e/ou social.

O objetivo dessa pesquisa é “investigar os possíveis registros sobre a história da cultura lúdica das crianças negras em Santa Catarina”, ou seja, suas brincadeiras, seus jogos, seus objetos de brinquedo, e toda influência que essa cultura possa ter exercido nas crianças de hoje, levando-se em conta que essa cultura lúdica faz parte da construção da própria criança em si, sua linguagem, sua forma de se expressar e interagir, e o mais importante, sua maneira de ver o mundo e planejar seu próprio mundo.

Esse trabalho buscou também, buscar as pistas da cultura corporal lúdica da crianças africanas (pré-escravidão); relacionar brincadeiras e jogos que formaram a cultura lúdica das crianças afro-brasileiras; desmistificar questões conceituais (simbólicas) sobre o negro, deturpadas no período escravista; auxiliar na obtenção de auto-estima das crianças negras; contribuir para a formação da personalidade e identidade negra dessas crianças; relacionar os re-

sultados obtidos, com a minha prática no âmbito escolar...

Em relação a relevância deste tema para a escola, concordo com Munanga (2000, pg. 25), quando o mesmo afirma que, todos os preconceitos e discriminações que permeiam a sociedade brasileira são encontrados na escola, cujo papel deve ser de preparar futuros cidadãos para a diversidade, lutando contra todo o tipo de preconceito. Mas na prática, ela acaba reforçando o racismo. Essa colocação justifica minha tentativa de trabalhar essas questões, primeiramente analisando-as sob o ponto de vista da sociedade, ou seja, onde nascem os problemas e irão refletir no comportamento da criança dentro da escola.

Através do desenvolvimento de uma consciência social, e de uma educação exaltando à multiculturalidade, enaltecendo a cultura negra sem fanatismos e sem cometer o erro de pregar a superioridade racial, caindo no senso comum, e justificando a importância da presença dessa cultura negra na composição do povo brasileiro, nós, enquanto profissionais formadores de opinião, temos o dever de trabalhar cada vez mais no intuito de auxiliar na superação de todas essas questões. O desenvolvimento de pesquisas que produzam conteúdos que estimulem o debate sobre as diferenças de classe e raça, que exaltem a

interdependência entre indivíduos de diferentes classes sociais, deixando de lado diferenças de cor, raça ou religião, a conscientização da riqueza e da importância da cultura negra em toda sua amplitude, são, sem dúvida, fatores essenciais nessa luta.

A falta de valorização e de conhecimento sobre a nossa cultura primeira, como brasileiros descendentes, comprovadamente tem contribuído para a perpetuação da discriminação racial, que é uma das grandes responsáveis pelo afastamento de crianças negras das instituições de ensino.

Sendo a comunidade e a escola, em especial as séries iniciais, o ponto de partida para a formação da cultura da criança, através de vivências, experiências, relacionamentos, exemplos onde os mesmos se identifiquem como pessoas, e como membros de determinada raça, etnia, credo religioso, etc.; esses dois segmentos se apresentam como os principais locais onde as transformações devem ocorrer. Mudanças de cunho evolutivo e social, não somente no trato com as crianças, mas principalmente na conscientização dos nossos valores, nossa forma de lidar com determinados problemas que muitas vezes fingimos não existir, e fechamos os olhos. Ao camuflarmos esses problemas, esquecemos que nós, enquanto sociedade, somos os responsáveis por gerar oportuni-

des a essas crianças, apontar caminhos que as mesmas possam seguir para se tornarem adultos responsáveis, menos carregados de preconceitos e discriminações, e o mais importante, cientes de suas origens, suas diferenças, suas características específicas e as vezes únicas, mas também cientes de seus deveres e direitos, principalmente o direito de ser cidadão e de ser tratado com igualdade, em todos os segmentos.

A situação do negro, no Brasil e no Mundo, vem sendo objeto de estudo desde os tempos mais remotos, principalmente após a erradicação da escravidão sob forma de lei, estando o Brasil dentre os últimos países a aceitar tal fato. Temáticas etnográficas em grande parte, são analisadas e enfocadas em inúmeras obras, retratando a construção histórica desse povo, suas formações, colonizações diversas, suas lutas por liberdade e independência, etc.

No Brasil, um dos assuntos ligados a essa temática, o tema "racismo", estigmatizado fortemente após a abolição, sempre causou grande polêmica e grandes embates, que resultaram também no interesse de pesquisa de alguns estudiosos. Os que se dedicam a defender essa causa, tem se empenhado em discutir o problema sem pré julgá-lo, buscando com seus estudos, interferir nas mais variadas áreas de conhecimento em

relação à problemática em geral (desigualdade racial).

Dentre os autores que trabalhei nessa pesquisa, propus um diálogo analisando as produções de "Kabengele Munanga", "Mary Del Priore", "Jayro Pereira de Jesus", "Nina Rodrigues", "Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni", "Gilberto Freyre", "Arthur Ramos", entre outros como José Lins do Rêgo e José Veríssimo, que em suas obras, retrataram as brincadeiras do período colonial e as relações entre negros e brancos. Também fiz auxílio de outras obras que discorrem sobre os temas – criança negra, cultura lúdica, negritude, África, cultura, costumes, etc, entre as quais: "Brasis, Brasil, Brasília" e "Casa Grande e Senzala" (Gilberto Freyre, 1968 e 1975 respectivamente), "Costumes africanos no Brasil" (Manoel Querino, 1988), "O espetáculo das Raças" (Lília M. Schwarcz, 1993) Objetivei também o auxílio e orientação de professores e mestres que compõem os órgãos, "NEAB" (Núcleo de estudos Afro - Brasileiros), mantido pela UDESC, e NEN (Núcleo de Estudos Negros).

Baseado nesses autores, realizei uma pesquisa bibliográfica, numa perspectiva materialista histórico – dialética, com o objetivo de coletar e analisar criticamente os dados obtidos, dentro de um contexto social mais amplo e que alcançasse uma dimensão, qualitativamente

satisfatória. A coleta de dados foi realizada através de uma revisão bibliográfica, buscando registros gerais a respeito do problema em si, mas especificamente sobre o tema em questão.

Busquei também auxílio dos grupos que militam sobre a questão do negro no Brasil, principalmente na escola e nas comunidades carentes, com suas pesquisas, entrevistas, seus projetos de inserção social, etc.

Algumas pistas introdutórias sobre a historiografia das Crianças Negras no Brasil

A história das crianças negras no Brasil, começa de forma turbulenta e desumana, assim como a de todos os negros, de todas as idades, homem ou mulher. Ainda na África, elas eram preteridas pelos escravizadores que escolhiam, na caça, negros mais fortes de meia idade, negros corpulentos e novos, negros de várias idades, ou "moleções", como eram chamados os negros mais jovens, cuja valorização no mercado brasileiro estava sempre em alta.

Das crianças que conseguiram ficar junto de suas mães, poucas chegavam vivas ao Brasil. A tortura da viagem, já era impiedosa com os

mais fortes, imaginem para crianças, desprotegidas e fracas fisicamente. As crianças que chegavam em navios negreiros pareciam esqueletos, cheias de sarna, problemas de pele e outras moléstias, e ficavam sujeitas a tratamentos horríveis para poderem enfrentar e bem impressionar, comercialmente, seus compradores. Não eram consideradas um bom investimento para o futuro, o presente era o que importava, e os pequenos apareciam apenas como mais uma boca a ser alimentada (Del Priore, 1999, pg. 114). Nos mercados de venda de escravos as crianças tinham pouco valor, geralmente servindo como contrapeso nas transações de outro escravo, ou como "volta", na troca por mercadorias. Era muito mais vantajoso e rentável para os senhores de engenho adquirir um escravo adulto, do que ter que criá-lo até que ele pudesse trabalhar para justificar esse 'investimento'.

O destino desses negrinhos e negrinhas, assim como das crianças negras que aqui nasciam, brasileiros natos, filhos de escravos ou mesmo dos senhores de engenho, que tinham por hábito molestar suas escravas, além de realizar pequenos serviços, era servir de companhia para o "nhonhô"³ e nhandã, criança branca de engenho. Freyre (2002, pg. 35) caracteriza os filhos de senhores

de engenho, comentando: (...)“Quando ganha pernas para andar, o nhonhô de engenho se torna um capeta a furar olhos de bicho e de gente, a fazer tanta estripulia entende, debaixo do estímulo do pai sorridente, satisfeito de ter um filho que começa cedo a revelar qualidades agressivas.

Na verdade o passatempo preferido dos meninos de engenho, era maltratar os negrinhos que, vindo das senzalas, ou mesmo morando nas casas grandes (em quartos anexos), sofriam diariamente as malvadezas dos nhonhôs e nanhãs, brincadeiras torturantes, que deixavam marcas profundas e que representavam o que o menino branco aprendia com o “Senhor seu pai”, no seu dia – a - dia, no trato com o escravo. Humilhações que enchiam de orgulho o senhorio e que satisfiziam e preenchiam as horas da criança branca, mas que deixavam cicatrizes na infância do pequeno escravo, e já determinava vínculos entre o poder do branco e a dependência do negro.

Com relação as pequenas negrinhas, seus destinos também não eram diferentes, geralmente auxiliando desde novinhas, nos serviços da casa grande. Lavando roupas, carregando lenhas, cosendo trapos velhos, esfregando o chão dos enormes cômodos de que eram compostas as casas. Ao tomarem corpo eram as

primeiras a serem molestadas, tanto pelos endiabrados moleques, quanto pelos velhos senhores. Damas de companhia das senhoras⁴ e meninas de engenho, sofriam assim como os negrinhos, maus tratos diários, servindo de brinquedo para as mesmas que com as pequenas escravas faziam de tudo, desde simples castigos como cortar seus cabelos, até os mais brutais, como queimar seus dedos ou furar suas mãos. Até pelos senhores elas eram humilhadas, molestadas, como já foi colocado, ou utilizando-as para catar seus piolhos (prática muito comum na época), abaná-las nas redes, coçar e tirar seus bichos-de-pé, dar-lhes banho, etc.

O trabalho cotidiano sempre fez parte da vida desses pequenos escravos. Segundo Del Priore (1999, pg. 184/186), referindo-se ao adestramento da criança negra para o aproveitamento futuro:

“Por volta dos 12 anos, o adestramento que as tornava adultos estava concluído. Nesta idade, os meninos e as meninas começavam a trazer a profissão por sobrenome: Chico Roça, João Pastor, Ana Mucama. Alguns haviam começado muito cedo. O pequeno Gastão por exemplo, aos 04 anos já desempenhava tarefas domésticas leves na fazenda[...],Manoel aos

08 anos, já pastoreava o gado da fazenda de Guaxindiba [...], Rosa aos 11 anos de idade, dizia ser costureira. Aos 14 anos já trabalhava como um adulto”.

Mesmo assim, negrinhas e negrinhos escravos, mantinham um relacionamento mútuo com os nhonhês e nãnhãs de engenho. A habilidade dos negrinhos em realizar todo tipo de brincadeiras e travessuras que exigiam de suas qualidades físicas, era invejada pelo garoto de engenho, criado cheio de cuidados e zelo, e que brincando com o pequeno escravo, tentava imitá-lo ou pedia seus ensinamentos, geralmente em troca de alguma fruta ou comida, vindos da cozinha da casa grande. Nessa troca, negrinho e menino branco passavam seus dias aprontando traquinagens e ultrapassando os obstáculos dessa difícil infância, sempre com o negrinho levando a culpa e o castigo pelas travessuras realizadas pelos dois.

A meiguice da negrinha escrava e a capacidade de sorrir, mesmo diante das dificuldades, era admirada pela nãnhã, que geralmente a utilizava como “brinquedo” e também à culpava de tudo de errado que acontecia nas suas brincadeiras, ocasionando os intermináveis castigos. Como na relação negrinho x nhonhô, a menina de engenho também se relacionava diariamente com a

negrinha, aprendendo suas mais variadas formas de lidar com os afazeres da casa, pois muito cedo a pequena escrava, já realizava todo tipo de trabalho doméstico.

Assim passou-se resumidamente todo o período escravista, com as crianças negras (menino e menina), vivendo uma infância de trabalho, de servidão e de sofrimento, mas com espaço para as brincadeiras e para o intuitivo jogo de interesses nas relações que surgiam com as crianças brancas.

Como qualquer criança pobre de início de século, as crianças negras sempre auxiliaram nos trabalhos de casa, ou mesmo indo as ruas para buscar sua sobrevivência. Surgiram, com essa busca, diversas profissões como pequenos engraxates, carregadores de sacolas de madames, ajudantes nas feirinhas, garotos de recados, fazendo da rua sua principal parceira de trabalho, de onde as mesmas, ao final do dia, conseguiriam tirar algumas moedas para ajudar no sustento familiar.

Aliás, com toda essa movimentação de início de século, a rua passou a ser considerada a extensão da casa dos menos abastados socialmente, como destacou Kishimoto apud Kishimoto (1993,pg. 83):

...”Antigamente, a rua enquanto prolongamento da casa do operário, integrava o cotidiano das cri-

anças... o grande contingente de crianças que ali afluía, enquanto os pais ausentavam-se para a longa jornada diária de trabalho, mobilizava religiosos e damas da sociedade, que se empenhavam em ações filantrópicas para retirá-los das ruas, batalhando para que as crianças fossem internadas em creches, escolas maternais e asilos infantis”.

Começara nesse período uma distinção muito clara entre a criança rica, e a criança pobre (negra ou branca), onde dificilmente via-se uma criança de classe social mais elevada, brincando pelas ruas. Elas viviam trancadas em suas casas, com seus enormes quintais, brincando entre si, evitando se contaminar com o ambiente promíscuo, anti-social e gerador de criminalidade, como passou a ser considerada a rua e conseqüentemente quem as utiliza-se (crianças negras, filhos de imigrantes, bêbados, andarilhos...).

Essa fase ficou historicamente marcada com o surgimento das creches, dos asilos infantis, escolas integrais, orfanatos e principalmente “parques infantis”, uma tentativa de limpar as ruas (salvando os negócios), direcionando essas crianças, à uma ocupação saudável, às

brincadeiras elaboradas desses locais, a disciplina e a uma incutida preparação do trabalhador do futuro. Sabe-se que a maioria dessas instituições que recolhiam crianças das ruas, muitas delas órfãos, tinham interesses além do bem estar infantil e mantinham um regime muito duro, com tarefas diversas à seus “hóspedes”, tratamento severo e submissão, onde os mesmos buscavam a formação de mão de obra, trabalhadora e alienada, e dessa forma, com o retorno garantido.

A chamada exploração do trabalho infantil⁵ já tomava forma nesses tempos mais rudimentares de sobrevivência. Hoje essa prática é muito combatida por diversos setores da sociedade, baseados principalmente no “ECA” (Estatuto da Criança e do Adolescente), e embasado nas denúncias de exploração e maus tratos de crianças, que são registrados diariamente. Historicamente os fatos nos mostram que essa prática sempre existiu, quase sempre vinculada às dificuldades encontradas pelo trabalhador brasileiro em se desenvolver dentro do seu trabalho, ou na árdua e concorrida busca do mesmo, tendo que utilizar então toda família, inclusive as crianças, na obtenção do seu sustento.

Com o passar do tempo, observa-se que o problema das crianças negras somente aumentavam. Seus pais, operários oprimidos pelo desenvolvimento, marginalizados em todos os setores, com pouco ou nenhum emprego, eram obrigados a deixá-los sair em busca do sustento pelas ruas. Por certo que esse “sair às ruas”, não significava somente a busca de trabalho, mas igualmente a liberdade para as brincadeiras. O brincar, mesmo diante de dificuldades, parece estar naturalmente condicionado a criança, que resistindo, sempre encontra espaço para a realização de brincadeiras, muitas vezes geradas ali mesmo, no espaço das ruas, no período de trabalho. Nesse sentido, a criança pode relacionar questões internas com a realidade externa e é capaz de participar de seu contexto e perceber-se como um “ser” no mundo (Silva, 1989, pg.13). Ou seja, brincando as crianças interpretam as coisas ao seu redor, à sua maneira, de acordo com as suas perspectivas, suas possibilidades de ação, e assim cresce, se relaciona, aprende, ensina, vive.

Muitas brincadeiras populares que temos hoje, surgiram desse momento, dos ajuntamentos de crianças nas ruas. De origens diversas (européia, africana, asiática), elas foram se mesclando, se diversificando, dando origem a cultura lúdica brasileira.

As crianças negras, estereotipadas, discriminadas, e ainda mais do que nunca, carregadas com as conseqüências da escravidão, com o início da distinção entre o que era público e o que era privado (meados do século XVIII), passam a não ter o mesmo acesso, que as outras crianças pobres, mas brancas têm, à determinados lugares, inclusive a frequentar escolas, parques, locais públicos, pois se o preconceito e o racismo não estivessem abertamente colocados às vistas, os comportamentos excludentes para com essas crianças, camufladamente falavam por si só. As conseqüências imediatas desse fenômeno, como a reclusão, introjeção, baixa auto-estima, vergonha de sua própria raça, o próprio preconceito contra outra criança negra (mais clara ou mais escura), e o medo de se expor, falavam mais alto, e colocavam em risco o desenvolvimento dessas crianças negras e a continuidade da cultura afro-brasileira, que mesmo a passos muito lentos, resistia através da clandestinidade, nos guetos, longe dos grandes centros, fugindo da perseguição religiosa, policial e de toda a sociedade.

Todavia, como a história se repete, e vem se repetindo ciclicamente durante os tempos, a apropriação de vários elementos da cultura negra (como os batuques, as danças, a comida, os cultos religiosos), aos poucos foram trazendo o

negro para o convívio social. O preconceito e o racismo, escondidos sob o slogan do país da democracia racial⁴, passaram a ser ocultos, mas facilmente identificáveis nas frases, nos comportamentos, nos olhares, nas piadas... As crianças negras passaram a frequentar as escolas carregando esse fardo, e o pior, a escola repete sucessivamente todos os preconceitos gerados na sociedade, inibindo mais ainda essa criança, cujas estatísticas escolares, que geralmente apontam o baixo rendimento da criança negra, não negam todo esse problema na atualidade, evidenciado fortemente desde o início do século XX.

Para Munanga (2000, pg.29), na maioria das vezes, os professores não estão preparados para lidar com as diferenças e muitos deles já se mostram predispostos a não esperar o melhor resultado do estudante negro e pobre. E tem também a questão do programa curricular e do próprio livro didático, que além de privilegiarem a cultura européia, transmitem preconceitos de várias naturezas: de classe, de cor, de raça, de religião... Tudo isso fortalece os mecanismos de exclusão e impede que a escola cumpra seu verdadeiro papel, que é o de educar, socializar e formar verdadeiros cidadãos.

Mesmo com as transformações contínuas pelas quais atravessam o ensino e as escolas, a questão racial aparece sempre como um assunto secundário, banalizado principalmente em escolas particulares, mas também em grande parte das escolas do ensino público, o que acaba gerando a perpetuação do problema e a contínua e incomoda presença do preconceito racial.

Infelizmente o que temos de concreto de toda essa junção, é o que a história nos conta e os números negativos comprovam, quando se trata de analisarmos a presença da raça negra no Brasil. Seja na sociedade, nos colégios, no esporte, nas frentes de trabalho, na política, enfim em todos os setores o negro, mesmo de classe média, e mesmo já tendo comprovado seu valor, ainda ocupa papel secundário, na escala de importância como ser social, e o mais importante, como ser humano.

As Crianças Negras em Santa Catarina: algumas trilhas possíveis

A história das crianças negras em Santa Catarina, não se diferencia muito do que aconteceu com as crianças negras em outros centros brasileiros. Talvez por um simples

agravante, a criança negra daqui, assim como qualquer indivíduo da raça negra em geral, enfrentava uma dificuldade muito maior do que os negros de Salvador ou Recife, por exemplo: a falsa idéia de que Santa Catarina seria um estado tipicamente europeu.

A presença do negro em nosso estado, foi simplesmente ignorada por nossos governantes e pela elite segregacionista da época, desde o período escravista, onde o negro já era minoria nos estados do sul, e muito mais ainda após a abolição, com a saída dos ex - escravos para os grandes centros, a procura de trabalho, diminuindo significativamente o contingente negro, nas principais cidades do estado.

Esse estereótipo da população catarinense, tomou através dos anos cada vez mais força e pode ser explicado, baseando-se nos documentos referentes a colonização em Santa Catarina, onde nossos governantes traziam da Europa, famílias de trabalhadores, com intuito de embranquecer nosso estado. Essa prática colonizadora durou muitos anos, desde meados do século XIX, realmente ocasionando um embranquecimento da população catarinense, o que sugeria a inexistência da raça negra no estado, ou uma parcela insignificante da mes-

ma, o que não era de toda verdade.

O negro nunca deixou de fazer parte do cotidiano das cidades catarinenses, mesmo porque, se eles eram pouco representativos nos grandes centros, a formação dos chamados quilombos (comunidades essencialmente negras), que expressavam a resistência da raça negra a escravidão, e que se espalharam pelas matas de todo Brasil, se faziam presentes também na região Sul, em Santa Catarina principalmente em Desterro e arredores. Alves (1990, pg. 20) confirma minha colocação, observando que, "em Santa Catarina também os negros fugitivos se organizavam em quilombos... Piazza⁷ registra a existência de um quilombo na Lagoa, Ilha de Santa Catarina e outros na Enseada de Brito, Palhoça. Estes quilombos foram constatados, na documentação que registrava a nomeação de "capitães do mato" para coibi-los".

Para entendermos melhor a história das crianças negras em Santa Catarina, levantei como se deu a presença do negro em nosso estado, e como se estruturaram as relações de trabalho e a ocupação de nosso território, tendo como base Desterro, Capital da Província, que segundo pesquisadores começou sua ocupação por volta de 1679, sendo a cidade catarinense onde se concentrou a maior quantidade de representan-

tes da raça negra, escravos e libertos, fato que também se deu por motivos históricos.

Nas cidades em crescimento no interior de nosso estado, a situação era ainda mais complicada. O trabalho, escasso, era executado em função da capital (antiga Desterro), de onde chegavam e saíam as mercadorias. Mesmo negros que conseguiam adquirir terras em suas cidades (através da prestação de serviço), na sua maioria improdutivas, porque não tinham capacidade financeira para escolher os melhores locais para plantio, nem para trabalhar a terra, ficavam sem condições para se desenvolverem através das mesmas, associando-se ao branco (imigrante ou local), ou vendendo-as e migrando para o litoral e para a já chamada Florianópolis, cidade de Santa Catarina com a maior concentração de negros atualmente, devido a essa demanda. Outras cidades litorâneas também receberam grande contingente de negros, talvez porque os imigrantes escolhiam primeiramente o interior do estado, onde a abundância de terras e a semelhança com o clima europeu, facilitavam sua adaptação.

A 'vida' em Florianópolis acontecia no centro da cidade. Com o comércio, a chegada e saída de barcos, o grande mercado municipal, a venda de frutos do mar e artesanato, etc. O negro, carregando a taxa do

preconceito racial, estava sempre ligado aos serviços considerados mais subalternos, aqueles que o homem branco dificilmente o faria, sem que a necessidade extrema falasse mais alto.

Como no período escravista o negro era proibido, por lei, de frequentar escolas, o analfabetismo ainda se fazia presente entre a grande maioria dos negros da Capital e região, e esse era mais um fator que impedia a presença do negro nos bons empregos que começavam a surgir com o crescimento local.

A presença do negro passou a ser cada vez mais constante no centro da cidade, nos trabalhos portuários, nas casas (domésticas, jardineiros) que permitiam a entrada do mesmo, nas manifestações culturais, como a umbanda, o candomblé, a capoeira e o cacumbi, que (mesmo clandestinamente realizadas) também eram frequentadas por brancos... Inclusive nas precárias moradias das vilas do centro, que pela proximidade facilitava a procura diária do sustento, o negro se fazia presente.

Com o passar do tempo, o inchaço dessas áreas centrais da cidade e a valorização desses espaços, principalmente com relação a moradia, o deslocamento social passou a ser o inverso, como nos esclarece Maria (2002, pg. 147):

“O processo de modernização da cidade, ocorrido no final do século XIX e início do século XX, foi como em outras capitais brasileiras. Ou seja, houve uma política de exclusão de pobres e negros das áreas mais centrais. A evidência disso foi o gradual embranquecimento daqueles espaços. Deslocaram-se as populações de baixa renda, entre elas uma maioria negra, para os bairros mais carentes, principalmente os morros”.

Com o aparecimento da escola pública e a posterior aceitação das crianças negras, a mesma começa a fazer parte com mais frequência do ambiente central da cidade. Como aconteceu em outras localidades brasileiras, as crianças pobres, e muito mais ainda as crianças negras, desde cedo eram “obrigados” a trabalhar, auxiliando no sustento da família e garantindo a duras penas, a sua permanência na escola. Com a introdução das crianças negras no mundo do trabalho, a presença do negro em si, passou a ser mais representativa em diversos locais, principalmente nas partes centrais da cidade, onde os pequenos negrinhos se misturavam a movimentação do mercado municipal, com seus cestos a vender bananas recheadas, amendoim, pinhão, frutas da época; com suas caixas de

engraxate a interpelar os senhores pelas ruas e em frente as repartições, buscando algumas poucas moedas, que já eram suficiente para lhe arrancar um sorriso do rosto.

A importância do brincar.

O seio oferecido, os olhos apaixonados que seguem seus movimentos, o contato com a face da mãe que o embala, o sorriso do pai que o recebe nos braços são os primeiros brinquedos do bebê. Aos poucos ele percebe as próprias mãos, segura os pés, tateia nariz, orelha, boca, despertando seus sentidos no mundo de descobertas. É a aventura de descobrir-se e reconhecer sons, cores, formas. Despertando para o mundo que a cerca, a criança brinca

(Raquel Zumbano Altman⁸)

Como vimos, o brincar também fazia parte dessa movimentação nas ruas principais e no mercado central da cidade. Brincadeiras como pega-pega, pique-esconde, ou queimada, com qualquer objeto que lhe viessem as mãos, preenchiam o dia-a-dia de trabalho dessas crianças (pobres e negras), e era o motivo das dores de cabeça dos comerciantes locais, com sua corridas entre os fregueses, alimentando a fama dos negrinhos de desordeiros e endiabrados.

Não fugindo a regra, ainda mais num estado considerado branco, sempre foi difícil para as crianças negras freqüentarem a escola, pois o racismo era muito evidente em todos os setores do corpo escolar, nos professores, nas matérias, nos livros, nas brincadeiras e muito latente nas crianças brancas, conscientemente orientadas por seus pais a não se misturarem com "crianças de cor". Aspectos que se analisados profundamente, justificam o fracasso escolar de grande parte das crianças negras, a desistência, a negação a escola e a preferência da busca ao trabalho prematuro, o que ainda ocorre atualmente. Um ciclo difícil de ser quebrado.

Os registros orais e escritos tornam evidentes que as atividades informais foram a opção mais comum para a maioria de ascendentes africanos e imigrantes. Isso, no entanto, não aconteceu devido a sua incapacidade intelectual, mas as barreiras existentes na sociedade. Dentre elas está o preconceito racial que, aliado a baixa renda familiar da maioria dos negros, impedia o acesso a escola, eliminando as chances de inserção no mercado formal de trabalho e as profissões melhores qualificadas (Maria, 2002, pg. 159).

Neste texto, o brincar da criança negra deve ser compreendido a partir de sua composição lúdica durante esses tempos difíceis de es-

cravidão, e após a mesma, até os dias de hoje. Segundo Ferreira (2001, pg. 117), "brincar significa, divertir-se infantilmente, entreter-se em jogos de criança, ou ainda recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar". Conceituação compreensível se considerarmos o brincar atrelado ao mundo da criança, e relativamente a sua passagem pela infância, já que na fase adulta, o mundo do trabalho capitalista, e vários outros fatores, se encarregam de afastar esses dois segmentos.

"A brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância." (Brougère, 1995, pg. 99-100).

A análise do brincar, ou mais especificamente de grupos de brincadeiras, tem sido explorada sob vários aspectos, em estudos feitos nas diferentes áreas do conhecimento. Na psicologia temos o enfoque do jogo, por exemplo, como elemento fundamental nas construções da personalidade e cognição da criança. Na educação o jogo aparece como suporte pedagógico. No folclore, as pesquisas se referem a coletas de dados do que hoje é chamado "cultura espontânea (Silva, 1989, pg. 9). Destaco essas afirmações de Silva, para justificar a importância do brincar, e das brincadeiras para a criança e, portanto, para exaltar a influência do brin-

car das crianças negras, nas suas vidas e conseqüentemente no seu futuro e no futuro de toda uma raça, suprimida por vários outros fatores, mas principalmente com reflexos diretos na sua cultura lúdica em geral.

Sintetizando, a cultura lúdica da criança, representada por suas brincadeiras, exprime o conjunto de todas as suas experiências cotidianas, seu aprendizado, suas crenças, seus valores, sua criatividade... Pode expressar a transformação da sua realidade em brinquedo, pode apresentar o oposto, pode ter significado, sentido real ou não, mas com certeza, é o que dá força à vida das crianças, e portanto, de um valor inestimável à sua formação e principal gestor, junto a outros fatores, do futuro de todas as crianças. Socialmente falando, esses demais fatores é que distinguem as características que determinadas crianças apresentam e que as selecionam, como por exemplo, as crianças do meio rural, ou urbano, ricas ou pobres, das favelas ou das cidades, etc. Por isso estudar a evolução da cultura lúdica das crianças negras, através do levantamento de suas brincadeiras, nos ajudará a compreender melhor o momento atual, e planejar ações que possam vir a contribuir para que essa ludicidade possa ser a mais rica possível e que traga reflexos positivos não só para o futuro dessas crianças, mas principalmente para o seu presente.

O cotidiano das crianças negras

Como já destaquei anteriormente, o mundo das crianças negras historicamente foi constituído de brincadeiras e de trabalho, intrinsecamente, de muito mais tristezas, do que de sorrisos, desde a sua vinda para o Brasil.

Freyre apud Koster (1997, pg. 336), falando sobre a relação menino branco (nhonhô) e negrinho, no período escravista, comenta que, "logo que a criança deixa o berço... dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo além disso incorre sempre em censura e em punição"

Pude através desse ensaio, observar na relação entre o menino branco e o negrinho, assim como entre menina branca e negrinha, dois momentos distintos: num primeiro momento, nas brincadeiras livres, onde o nhonhô seguia os passos do negrinho, que mais ágil e habilidoso fisicamente ditava suas regras, geralmente trocando sua experiência por alguma comida, vinda da cozinha da casa grande (laranjas, sapos, pedaços de queijo). Rego (1969, pg. 56), falando sobre essa ligação, em Meni-

no de Engenho, confirma minhas colocações em seu relato: “O interessante era que nós, os da Casa-Grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente [...] Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, também não parecia grande coisa. Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas.”

Juntos então, brincavam de subir e descer árvores, caçar passarinho à bodoque ou a cacetada, imitar personagens sombrios de histórias contadas pelas amas negras (das lendas, contos, mitos, deuses

e animais encantados, etc), de peia queimada, de correr pelo mato, nadar em rios, açudes ou represas, de galinha gorda⁹, de belisco¹⁰, de montar (à cavalo) em carneiros ou servir de montaria (o negrinho), de “belilisco do pintinho que anda na barra de vinte e cinco”, de espingarda de talo de bananeira, de Pelo sinal¹¹, rodar pião, de “Dedomindô, chico me congo, Congomissanga, Maria Babau, de casa em casa”¹² jogar castanha, de “ver correr as argolinhas”¹³, de “virar bundacanastra”, imitar bichos e gente, de empinar papagaio; coisas que o menino branco não estava muito habituado a fazer, por tanto sê-lo em que era criado, mas incentivado pelo negrinho, se aventurava a aprender. Nas mesmas proporções, as meninas brincavam de “faz de conta” de mucama (dona de casa), a senhora mandando nas criadas e as

bonecas eram as filhas, brincavam de organizar festas, de alimentação, de viagens, de médico e doenças, de dançar, etc. Brincadeiras mais recatadas, que imitavam as coisas do cotidiano e que pudessem ser realizadas no interior da casa grande, uma vez que as senhorinhas tinham pouca permissão para freqüentar a rua. Tudo servia de temática para o jogo simbólico dessas brincadeiras entre menina branca e escravinha, onde na subjetividade a família branca sempre dominava as situações, e os negros representavam seus serviços, as benzedeadas, as amas de leite, etc.

Dentre as brincadeiras mais praticadas no Brasil colonial, aquelas baseadas nos jogos simbólicos ganhavam forte espaço e não representavam apenas as coisas do cotidiano, mas também eventos e valores dessa época, como por exemplo nas brincadeiras de imitar cangaceiros e de capabode¹⁴. Há também aqueles gerados no antagonismo entre o branco e o negro, a exemplo de alguns jogos de pegador, que parecem ter essa característica: capitão-do-mato, amarra-negra, nego fugido, entre outras.

Esse antagonismo se refletia visivelmente nas crianças, como destaca Kishimoto apud Veríssimo (1906, pg. 47): "Não havia casa onde

não existisse um ou mais moleques, um ou mais curumins, vítimas consagradas aos caprichos do nhonhô e nhandã. Eram-lhe o cavalo, o levanpandadas, os amigos, os companheiros, os criados".

E é justamente esse segundo momento que prevalecia, onde as crianças negras eram apenas o objeto e não mais o sujeito nas brincadeiras, e se transformavam de companheiros de brinquedo, à vítimas das brincadeiras, do menino e da menina branca, como destacou tão enfaticamente Gilberto Freyre, em Casa Grande e Senzala (1997, pg. 336):

"...Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano como o judas de Sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos... Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas, as mais pesadas..."

A mesma relação de dependência mantinha a senhorinha nãnhã, com a molequinha, aprendendo com as peripécias da escravinha e maltratando-a de todas as formas possíveis, representando, já desde cedo, nas relações infantis, a dominação vigente dos senhores e senhoras de engenho, sobre o escravo, ou melhor, do homem branco sobre o negro.

Assim eram as brincadeiras dos negrinhos e negrinhas escravas na época do Brasil colonial, muito mais ligada a exploração da natureza e animais, a destreza de seus corpos, a imitação dos fatos do cotidiano e baseada nas relações que surgiam entre os mesmos e a casa grande, do que na manipulação de brinquedos¹⁵, posteriormente mais ligada ao menino europeu, surgidos em maior quantidade e variedade com a Revolução Industrial. A “liberdade” projetada nessas brincadeiras, só era interrompida quando nhonhô ou nãnhã, mantendo a repressão, se apropriavam da alegria desses pequenos escravos, fazendo o chicote de galho de goiabeira, calar a manifestação mais espontânea, desses representantes de nossa cultura.

Muitas dessas brincadeiras citadas, ainda são realizadas até hoje, principalmente nas regiões agrárias

do Sudeste e Nordeste, algumas se transformaram, ganharam outros nomes e significados, evoluíram de acordo com as características de cada região, outras se perderam pelo tempo, dando lugar a exploração do brinquedo industrializado e as inúmeras brincadeiras elaboradas com o aparecimento dos jardins de infância.

Tendo finalizado o período escravista, a vida da criança negra não foi, como se imaginava, mais facilitada, pelo contrário, novos problemas vieram somar na vida dessa criança. A família negra, cada vez mais discriminada, passou a ter dificuldades para obter trabalho, moradia, alimentação; precisando do empenho de todos os seus membros, para manter sua sobrevivência. Desde cedo, menino e menina já auxiliam nos afazeres, dentro e fora de casa. Mais trabalho e menos brincadeiras, passam a ser o sofrido dia-a-dia dessas crianças. O negrinho, principalmente, ganhava as ruas, aventurando-se na busca do seu sustento.

“Antigamente, a rua dividia as crianças conforme sua estratificação social: brincadeiras de rua e “brinquedos ecológicos” para os pobres, e brinquedos artesanais ou industrializados para aqueles economicamente privilegiados, que deveriam ocupar espaços domésticos...”

(Kishimoto, 1993, pg. 87). A rua era o ambiente onde tudo acontecia para as crianças negras, a sua convivência cotidiana. Nos mercados, entre cestos de frutas e salgados, a venda de jornais, a caixa de engraxates e demais mercadorias; as brincadeiras de pega-pega, pique esconde, pião, estilingue; sempre havia um pequeno trabalhador, fazendo jus a sua infância: brincando.

Com a valorização e o crescimento dos centros urbanos em quase todos os estados do Brasil, os pobres, os menos classificados socialmente e principalmente os negros foram obrigados territorialmente a ocupar as periferias, bairros pobres sem infra-estrutura e encostas de morros. Nos morros, comunidades se formavam e se multiplicavam, proliferando brincadeiras, jogos, brinquedos, alguns tradicionais outros mais contemporâneos, mas sempre carregando a influência de várias raças na sua composição básica.

As crianças negras, fora do perímetro urbano, e criadas com maior liberdade, tiveram uma oportunidade (espacial e material) para desenvolverem e expressarem sua cultura lúdica. Dentre as brincadeiras levantadas, destacam-se: as corridas de carretão, as pandorgas, o pique-esconde, o bilboquê (biboquê) de lata, bolinhas de gude, as peladas (partidas de futebol), de andar em pernas de pau, pega-pega, jogo do

frade (mestre mandou), pular carniça, pé de lata, de amarelinha, jogos de tabuleiros(xadrez, dama), ioiô, cinco marias, de casinha, pular corda, de corridas de cavalos de pau, pique, elástico, bambolê, jogo da pedrinha (sapata), cabra cega, brinquedos cantados, jogo do bafo (figurinhas), armas e carrinhos de brinquedo, vídeo game, imitação de personagens de série de tv (yugi oh, bay blade, dragombol 2) e de grupos de dança (axé, pagode, rap, etc).

Muitas dessas brincadeiras nasceram e se desenvolveram na conjunção da criança afro-brasileira, e tomaram forma na nossa mistura de raças, a miscigenação brasileira e catarinense, com anos e anos de transformação e evolução, além disso foram identificados, através de crianças moradoras dos morros da Capital (onde predominam as crianças negras ou mestiças).

A Cultura Lúdica Negra Infantil

Dentre as grandes certezas que obtive com essa pesquisa, e que ficou esclarecida e comprovada, com o levantamento de vários aspectos e elementos junto a professores e pesquisadores, é que as crianças negras de hoje, assim como a raça negra em geral, está territorialmente atrelada as periferias, aos morros, aos bairros pobres principalmente. Histo-

ricamente vimos que esse fenômeno não aconteceu por acaso, sendo consequência de uma política de higienização, da valorização abrupta do capital, de branqueamento e de exclusão, para com os pobres e principalmente contra os negros, que iniciou ao final do século XIX e se estendeu por várias décadas, culminado com o quadro que podemos observar hoje em dia e reforçado ainda mais, com a contínua exploração capitalista, a exploração imobiliária dos grandes centros, e a consequente desvalorização do trabalhador com relação ao seu poder de consumo.

Nesse sentido (territorial), embora saibamos que a violência hoje em dia esteja generalizada em todos os setores, independentemente da localidade e do nível social destes, temos que considerar, e os dados jornalísticos nos mostram isso, que é nas periferias e nos morros que a situação está insustentável, notadamente fugindo ao nosso controle. Tráfico e consumo de drogas, alcoolismo, fome, desemprego, violência contra a mulher e contra a criança, agressões, assassinatos, ações policiais, tiroteios... Só para citar alguns elementos que compõem o dia-a-dia, das pessoas que residem nessas regiões.

A cultura lúdica, se expressa pelos sentimentos, pelas lembranças de momentos importantes, nas

brincadeiras, nas aspirações e desejos das crianças, é o que a criança vive e almeja para si, geralmente no tempo presente. É importante refletirmos sobre o tipo de criança que estamos formando, considerando a cultura lúdica baseada em suas brincadeiras, e confrontando essas brincadeiras com todos esses elementos negativos que só fazem crescer em nossas comunidades.

Descobri que as brincadeiras que antigamente eram tão sadias e diversificadas na suposta liberdade dos morros, junto a natureza, hoje em dia está cada vez mais limitada. "Talhar" e correr atrás de uma pandorga, ficou mais difícil (pode acabar em briga), jogar bolinha de gude quase não se vê, os espaços para peladas foram ocupados por barracos, a correria do pega-pega e do pique - esconde continuam, muito mais entre policiais e traficantes, do que entre as próprias crianças...

Então surge a pergunta: e as crianças desses locais, do que elas brincam? A resposta ficou muito clara. Ainda de soltar pipa, ainda de jogar pião, ainda de bolinhas de gude, de atirar com funda; mas também de olheiro¹⁶, de correio para traficantes, de lutar, de morrer ou matar, de assalto, de aviãozinho¹⁷, de fugas e perseguição, etc.

A violência, na qual estão impelidas, influencia nas brincadeiras e conseqüentemente no crescimento dessas crianças. Sua cultura lúdica se torna pobre, brusca, ou carregada de outros significados, que não a pureza do brincar, gerando assim conflitos das mais variadas naturezas, na vida das mesmas. Muitas, sem oportunidades, sem apoio, sem a presença constante dos pais, e com péssimas condições de sobrevivência, acabam encontrando no caminho da criminalidade, a saída, ou a ilusão de uma saída, para uma vida melhor. O resultado, está estampado nas páginas dos jornais diariamente.

Algumas Possíveis Conclusões

Primeiramente é preciso deixar claro que a grande maioria dos dados aqui obtidos, inclusive as brincadeiras e alguns fatos cotidianos, se referem normalmente as regiões do Sudeste, Norte e Nordeste brasileiro. Também a fala de vários autores aqui trabalhados, é baseada nessas regiões, demonstrando a total ausência de registros da cultura negra na região sul do país, principalmente em Santa Catarina. Contudo, procurei traçar um paralelo dessas informações com as manifestações da raça negra aqui no Sul, considerando que aqui, houve a incidência de negros de

várias regiões, deslocados através do tráfico interno, portanto brincadeiras e fatos socializados também em Santa Catarina, obviamente guardadas as diferenças regionais, de onde surgiram as variações, inclusive nas nomenclaturas.

Uma das primeiras conclusões que obtive, foi poder afirmar embasado nos fatos que, historicamente, a condição racial e social das crianças negras à restringiu, em todos os sentidos, de expressarem-se livremente e de forma lúdica, em suas brincadeiras. A causa desse fator, é que sua cultura lúdica foi sempre constituída e moldada através de parâmetros de repressão, violência, castigos e sofrimentos.

E como não analisar as questões das crianças negras sob essa ótica. A maneira como ela foi introduzida no Brasil, traduz, mas não explica essas centenas de anos de preconceito racial e social a qual a mesma foi impelida, regendo nesses termos, suas vidas e determinando, não somente o seu presente, mas o futuro de toda uma raça. Esses fatos não ocorreram com os demais povos que aqui aportaram, os quais, tiveram todas as condições de desenvolvimento e manutenção de seus costumes e de sua cultura. Imigrantes europeus, em sua maioria, eles ganha-

ram incentivos de nossos governantes para aqui se firmarem, comprovando a “política do branqueamento” forçado, da população catarinense, que estes quiseram nos impor.

Investigando a cultura lúdica das crianças negras em Santa Catarina, passamos por dois elementos formadores da mesma e que predominantes em sua infância, determinaram suas vivências:

Como primeiro elemento temos o “brincar”, compreendido por seus brinquedos e brincadeiras (elementos de uma cultura lúdica mais ampla), mas que no período escravista foram embasadas principalmente pelas relações antagônicas que surgiam entre a criança negra e a branca.

Suas brincadeiras eram determinadas por representações simbólicas de dominação, expressas no cotidiano vigente, ou seja, pela repressão do homem branco sobre o escravo (período colonial), e pelo preconceito racial e social que se estabelecerá, ainda com força, posteriormente a abolição. A estes foram adicionadas as várias formas de exploração do capitalismo sobre o trabalhador, muito mais atuante sobre o trabalhador negro e com conseqüências determinantes às crianças negras. De geração em geração, uma criança trabalhadora.

Dos inúmeros conceitos que coloquei em discussão nessa obra, sobre a questão da importância do brincar e sua influência na vida das crianças, destaco as palavras de Silva que citando Benjamin¹⁸(1989, pg.28), resume e esclarece, sob meu ponto de vista, tal relação:

“A reflexão sobre os jogos, brincadeiras e brinquedos passa por um olhar da criança na relação com o mundo que a rodeia, ficando claro que ela não faz parte de uma comunidade isolada e sim que está inserida num contexto onde jogos, brincadeiras e brinquedos representam um “diálogo simbólico” com o mundo.”

Relacionando e avaliando as brincadeiras realizadas pelas crianças negras no período colonial, a grande maioria, obtinha conotações agressivas, onde essa criança, menino ou menina, sofria na pele as conseqüências desse tipo de brincadeira, ao relacionar-se com a criança branca. Por outro lado, quando da realização de brincadeiras livres da relação simbólica, branco x negro (patrão x escravo), geralmente atividades que podiam ser realizadas individualmente, como correr pela mata, montar em animais ou nadar em rios; as crianças negras se destacavam como sujeito das ações, pois as mes-

mas sempre se caracterizaram por sua ampla capacidade física, acreditado, por estar sempre em contato com os elementos da natureza, por sua criação “livre” e pautada no esforço físico, exercitando dessa forma suas aptidões.

Mas adiante, já no século XX, a vida das crianças negras passou a ser dividida, nos grandes centros, pelos poucos momentos de brincadeiras e pela busca do sustento diário, auxiliando no orçamento familiar.

Nas periferias, nos morros e nos bairros mais empobrecidos, onde a raça negra passou a predominar, deu-se o desenvolvimento e a continuidade de suas brincadeiras. Desta feita, a liberdade já era uma realidade, portanto não mais existia o simbolismo da escravidão expressa nas mesmas. Os problemas passaram a estar mais ligados as questões de trabalho, do preconceito racial e social crescente, e nas questões que se multiplicavam com a entrada da criança negra nas escolas.

Como segundo elemento, destaco a exploração do trabalho precoce, como preponderante na vida das crianças negras e que sempre fizeram parte de sua infância, desde a chegada dos mesmos ao Brasil, até os dias de hoje.

Evidentemente essa prática diminuiu com a entrada dessas crianças na escola, tomando parte do

seu tempo e posteriormente com a elaboração de leis, hoje, contidas no Estatuto da Criança e do Adolescente. Infelizmente essa prática ainda existe, até porque pairam dúvidas sobre o verdadeiro entendimento do que pode ser ou não considerado “trabalho infantil”, como por exemplo, naquelas atividades realizadas pela criança, domesticamente, sob o consentimento e supervisão dos pais.

Finalmente, após analisar as brincadeiras realizadas pelas crianças negras desde o período colonial até os dias de hoje, observando aspectos evolutivos (qualitativos) e quantitativos, entendo que sua cultura lúdica atravessou momentos distintos, mas muito parecidos durante essa trajetória. Já foi muito rica, diversificada, mas violenta (Brasil Colônia), passando posteriormente a ser mesclado ao mundo do trabalho, portanto menos lúdico, mais real e sofrido (Brasil Império, e início da República), e culminando nos dias de hoje, onde encontramos uma cultura lúdica super limitada, pobre, reduzida, e o pior, ainda com ares de violência (urbana), simbolizando os aspectos negativos, a que estão expostas, as nossas crianças, e muito mais ainda as crianças negras.

Como educadores, e justificando a aplicação pedagógica deste, estamos de posse aqui, de várias brincadeiras e atividades que, resgatadas podem voltar a ser realizadas

pelas crianças, alunos em geral. Ao trabalhá-las poderemos exaltá-las na história, discutindo seus significados e contextos, já que cada uma delas era carregada de representações da época e resultava da relação entre as crianças negras e as crianças brancas e conseqüentemente, do preconceito racial e social vigente.

Não podemos continuar fechando os olhos para esse tipo de problema, banalizado por muitos segmentos da sociedade, que preferem acreditar que, em pleno século XXI, não existem diferenças entre crianças de raças diferentes, entre o tratamento dispensado a uma e a outra, entre as oportunidades dadas a uma e a outra, e mais, entre a história de formação cultural de uma e de outra.

Penso que este estudo, traz a tona, duras realidades, mas é conhecendo o passado que se pode planejar melhor as ações do presente e do futuro, sem correr o risco de cometer os mesmos erros.

Referências

- ALVES, Jucélia Maria – Cacumbi: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: ed. da UFSC, 1990.
- BRACHT, Valter; et al. - Pesquisa em ação: educação física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BROUGÉRE, Gilles – Brinquedo e Cultura, São Paulo: Cortez, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES – Metodologia do Ensino da Educação Física, São Paulo: Ed. Cortez, 1992.
- DEL PRIORE, Mary (Org.) – História das Crianças no Brasil, 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- FREYRE, Gilberto – Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 32ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – Miniaurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa, 5ª ed., rev. Ampliada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida – Jogos Tradicionais Infantis: o jogo, a criança e a educação, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1993.
- _____. O brincar e suas teorias, São Paulo: Pioneira Thompson Kearning, 2002.
- MARIA, Maria das Graças – Aspectos das experiências cotidianas dos afro-brasileiros em Florianópolis (1930-1940) – Série Pensamento Negro em Educação: Multiculturalismo e a Pedagogia Multirracial e Popular, Florianópolis: Ed. Atilende, 2002.
- MINAYO, Maria C. De S. (Org.) - Pesquisa social: teoria, método e

- criatividade. 2ª ed.: Vozes, Petrópolis, 1994.
- MUNANGA, Kabengele – “Racismo esta luta é de todos” – (Revista Raça Brasil), São Paulo: Ed. Símbolo, 2000.
- _____. Superando o racismo na escola - Ministério da Educação, Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.
- NASCIMENTO, Richard José do – Reflexões Introdutórias Sobre a Cultura Corporal Negra na Escola, Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Florianópolis: UFSC, Centro de Desportos, 2004.
- PIAZZA, Walter F. – A escravidão negra: numa província periférica, Florianópolis, Garapuvu, 1999.
- RÊGO, José Lins do – Menino de Engenho, Rio de Janeiro, ed. José Olympio, 14ª ed., 1960.
- RODRIGUES, Nina – Os africanos no Brasil, São Paulo: Ed. Nacional, 1988.
- RUGENDAS, João Maurício – Viagem Pitoresca através do Brasil (Tradução de Sérgio Millet), 3ª ed., São Paulo: Livraria Martins, 1945.
- SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e – Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, São Paulo: Cortez Cenpec, 1989.
- SILVA, Maurício Roberto da – Trama Doce-Amarga: (exploração do trabalho infantil e cultura lúdica, São Paulo: Hucitec, 2003.
- SOARES, Doralécio – Folclore Catarinense, Florianópolis, ed. da UFSC, 2002.
- SOARES, Natalício – A didática e o negro, Curitiba: Artes Gráficas e Editora Unificada, 1988.

Contato: jajamaykon@bol.com.br

mauran@uol.com.br